



O Discurso da Convivência com a Seca/Semiárido e seu Agendamento na Imprensa¹

Sandra Raquew dos Santos AZEVEDO²

Luis Henrique Marques RIBEIRO³

Rodrigo do Nascimento ANDRADE⁴

Ana Carolina Ferreira SANTOS⁵

Taisa Vieira FERNANDES⁶

Antonio Normando da SILVA⁷

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Esse artigo tem por objetivo refletir sobre o agendamento midiático no tocante à cobertura do fenômeno da seca, especialmente a última estiagem no Nordeste Brasileiro, caracterizada por instituições ambientais e imprensa como a pior estiagem das últimas oito décadas. Para tanto observamos o fluxo da *agenda-setting*, nos jornais paraibanos *A União*, *Correio da Paraíba* e *Jornal da Paraíba*, no intuito de melhor compreender um processo mais amplo de significação social de uma pauta recorrente na imprensa que envolve os ciclos de estiagem no semiárido.

PALAVRAS-CHAVE: agendamento; estiagem; semiárido;

INTRODUÇÃO

Parte considerável do agendamento midiático produzido sobre o Nordeste Brasileiro tem sido histórico e socialmente produzido a partir da construção social de uma imagem sobre essa Região do País como um espaço-problema, de secas e misérias. Compreendemos esse processo social e político enquanto produtor inclusive de uma desinformação que colaborou para a manipulação de uma identidade social das populações do semi-árido, a partir daquilo que Goffman (1988) define como *modus operandi*, no qual a má reputação gerada tem uma função óbvia de controle social, em alguns casos operacionalizada através dos processos de agendamento midiático.

Não faz muito tempo, a partir da cobertura pela imprensa dos grandes períodos de estiagem no Nordeste, a população do semi-árido era tratada sob o signo do flagelo. “Os flagelados da seca” apareciam como um atributo e enquadramento hegemônico na

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Docente de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB. Bolsista PIBIC.

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB

⁵ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB

⁶ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB

⁷ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB



construção dos cenários de representação (LIMA, 2004) sobre a situação sócio-econômica e cultural dos diferentes estados dessa região. Entretanto será nas décadas finais do século XX que começa a ganhar força no País, especialmente no Semi-Árido Brasileiro⁸, um debate crítico voltado às causas estruturais das desigualdades regionais, a exemplo do clássico estudo de Josué de Castro, *Geografia da Fome*, relacionando as assimetrias aos interesses políticos das elites locais, no intuito de manter o que se tornou conhecido como *indústria da seca*.

Um debate amplamente intensificado no início do Século XXI com o aparecimento de novas organizações sociais de base voltadas à formulação e efetivação de projetos alternativos de convivência com o semi-árido colocando-se claramente em confronto com um paradigma de desenvolvimento para a região pautado no combate à seca e pelo agendamento mundial sobre as mudanças climáticas.

Vinculados a esse debate, o surgimento de projetos a partir da ação de ONGs, sindicatos de trabalhadores rurais, associações, etc, no Semi-árido Brasileiro como um todo contribuiu para ações de grande impacto social, a exemplo da construção de cisternas de placas voltadas à sustentabilidade hídrica da região, que na primeira gestão do Governo Lula ganhou status de programa governamental, denominando-se Programa Um Milhão de Cisternas.

Essa e outras iniciativas vinculadas a temáticas como água, sementes, cultivos orgânicos, economia solidária, criação animal, entre outras, contribuíram para, a partir de novas tecnologias sociais, o aparecimento de um agendamento na mídia (McCOMBS, 2004; TRAQUINA, 1999) sobre as ações de convivência com o semi-árido e sua população a partir de parâmetros que de certo modo buscam desconstruir a retórica e estigma da seca.

Podemos afirmar que aqui na Paraíba a presença de Fóruns como a Articulação do Semi-Árido de certa maneira influenciou na produção de informações e notícias sobre essa realidade, tendo em vista às práticas de noticiabilidade geradas no interior desses segmentos sociais para influir na divulgação destes projetos, bem como no debate sobre desenvolvimento sustentável, convivência com o semi-árido e agroecologia.

Todavia observamos ainda, diante de um contexto de tensões sociais provocadas pelo último período de estiagem no semi-árido paraibano, a intensificação dessa pauta

⁸ Segundo dados oficiais do Ministério da Integração, o Semiárido brasileiro abrange uma área de 969.589,4 km² e compreende 1.133 municípios de nove estados do Brasil: Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. A ASA atua em todos esses estados e também no Maranhão. www.asabrasil.org.br Acesso em 30 de Abril de 2013.



na imprensa. Esse artigo discute portanto enquadramentos e atributos desse processo de agendamento que de certo modo deixa em evidência tensões entre dois discursos em momentos conflitantes: uma abordagem voltada ao combate à seca e outra com ênfase nas estratégias de convivência com o semi-árido.

Metodologicamente optamos analisar quantitativamente e qualitativamente notícias veiculadas nos jornais locais, pensando o fluxo desse agendamento do fenômeno da estiagem na imprensa da Paraíba em momentos de intensificação, a saber, os meses de abril e maio de 2013, tendo em vista o surgimento de protestos com a perda de grande parte do rebanho. E ainda no período de agosto a dezembro do mesmo ano, observando a evolução e mobilidade nos tópicos desse agendamento.

Ao buscarmos organizar uma cartografia desse Agendamento, optamos também por uma análise do conteúdo pensando não só a visibilidade dessa temática na imprensa, mas sobretudo aspectos relevantes no tocante as representações sociais sobre o binômio seca/convivência com o semiárido.

Fluxo e cartografia do Agendamento

Consideramos que constituição de um acontecimento ou de uma questão em notícia significa dar existência pública a esse acontecimento ou questão, constituí-los como recurso de discussão (Traquina, 2001, p.22). Entretanto, os desdobramentos da cobertura do fato jornalístico junto à opinião pública expressam a relação sistêmica entre jornalismo, construção da realidade mediada e a sociedade. Na imprensa paraibana as ocorrências estão quantitativamente distribuídas conforme apresentação nas tabelas abaixo:

TABELA 1 - NÚMERO DE NOTÍCIAS NOS JORNAIS LOCAIS NO MÊS DE ABRIL

Jornal	Nº. Ocorrências
Jornal da Paraíba	68
Correio da Paraíba	117
Jornal A União	105



Total:	290
---------------	------------

TABELA 2- NÚMERO DE NOTÍCIAS NOS JORNAIS LOCAIS EM MAIO

Jornal	Nº. Ocorrências
Jornal da Paraíba	41
Correio da Paraíba	75
Jornal A União	219
Total:	335

O fluxo acima foi desencadeado a partir da incidência na mídia do protesto pela perda do rebanho na cidade de Campina Grande. Consideramos que ele reflete, por um lado, um aspecto ritual das práticas de agendamento que é a natureza das lógicas de noticiabilidade (WOLF, 2001; REBELO 2000; BARROS FILHO e MARTINO, 2003). Isso nos faz lembrar ainda o debate de TRAQUINA (2007) sobre noticiabilidade, ao observamos que a abordagem da seca enquanto catástrofe natural amplifica nas páginas dos jornais o volume de notícias dedicado a discutir o tema. A partir desse momento de denúncia as matérias jornalísticas passam por constantes atualizações, no período de agosto-dezembro de 2013, o que gera uma amplificação da cobertura, como vemos abaixo:

JORNAL	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ
Correio da Paraíba	83	100	111	88	91
Jornal da Paraíba	87	93	79	76	74
A União	91	115	112	74	53
TOTAL	181	308	302	238	218



Considerando ser esta uma pesquisa em andamento, observamos alguns elementos relevantes para aprofundamento da análise. Primeiro, o fluxo inicial, com 625 notícias distribuídas nos três jornais analisados demonstra o impacto do fenômeno no território e cujo enquadramento ainda está centrado na seca enquanto catástrofe ambiental e suas conseqüências na sociedade em contraposição ao surgimento de uma pauta que expressa o desenvolvimento de ações de convivência com o semiárido nordestino.

Do ponto de vista do aparecimento de sub-temáticas (sub-categorias) é perceptível a ancoragem desse agendamento na questão da água, no debate sobre a infra-estrutura do Estado e na política de crédito, voltada ora ao enfrentamento da seca ora a convivência com o semiárido. Mas é preciso considerar ainda que temáticas como gênero, mobilização social, desenvolvimento de tecnologias apropriadas à região, políticas de sementes, desertificação, entre outras, emergem neste Agendamento.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Sandra Raquew dos Santos Azevêdo. **Mulheres em Pauta: gênero e violência na agenda midiática**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.
- DENCKER, A. F. M. & VIÁ, S. C... **Pesquisa Empírica em Ciências Humanas (com ênfase em comunicação)**. São Paulo: Futura, 2001
- DUARTE, J & BARROS, A.. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª. Edição. São Paulo: Atlas, 2006.
- CANELA, Guilherme. **Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo**. São Paulo: Andi/Cortez, 2008.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Monitores da mídia: como o jornalismo catarinense percebe seus deslizes éticos**. Florianópolis: Univali, 2003
- CHRISTOFOLETTI, Rogério & MOTA, L. G. (orgs.) **Observatórios da mídia- olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus,2008.(Coleção Comunicação).
- DINES, Alberto. *Observação e participação: da física quântica à dinâmica da sociedade civil*. IN: CHRISTOFOLETTI & MOTA (orgs.) **Observatórios da mídia- olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus,2008.(Coleção Comunicação).
- GOFFMAN, Erving. **Estigma- notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Trad. Márcia Bandeira de Melo Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1988
- LAGO, Cláudia & BENETTI, Márcia. **Metodologia da pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LIMA, Venício A. de. **Mídia**. 2 ed. São Paulo: Perseu Abramo,2004.
- LIMA, Venício & RUBIM, Antonio Canelas. **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Salvador: Edufba, 2004.
- LOURES, Ângela da Costa Cruz. “Pequena história da crítica de mídia no Brasil” IN: CHRISTOFOLETTI, Rogério & MOTA, L. G. (orgs.) **Observatórios da mídia- olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus,2008.(Coleção Comunicação).
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**. 5ª. ed.. São Paulo: Loyola,2001.



McCOMBS, Maxuel. “Um panorama da Teoria do Agendamento 35 anos depois de sua formação.” INTERCOM. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.31. n.2. jul/dez.2008.

McCOMBS, Maxuel. **Setting the agenda**. The mass media and public opinion. Polity Press: Cambridge, 2004.

MELO, José Marques de. **Teoria do Jornalismo-** identidades brasileiras. São Paulo: Paulus,2006

MELO, José Marques de. “Prefácio”. IN: LAGO, Cláudia & BENETTI, Márcia. **Metodologia da pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PRADO, Luiz Aidar (Org). **Crítica das práticas midiáticas-** da sociedade de massa às ciberculturas. São Paulo: Hacker, 2002.

RAMOS, S. & PAIVA, A.. **Mídia e violência-** novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ,2007.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos,2001

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular,2004 (2 volumes)

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo:** questões, teorias e “estórias”. 2ªed. Lisboa: Veja Editora, 1999.